

O "Mão de Luva"

O "Mão de Luva"



JOSÉ ANTÔNIO DE
ÁVILA SACRAMENTO

Membro do Instituto Histórico e Geográfico, da
Academia de Letras e do Conselho Municipal de
Preservação do Patrimônio Cultural de São João del-Rei

Acácio Ferreira Dias, em seu livro "Terra de Cantagalo" (editado pela Prefeitura de Cantagalo-RJ, 2 vols., 1979), registrou uma versão romântica sobre o lendário bandido "Mão de Luva". Ele relatou um possível envolvimento amoroso do bandido com a princesa Maria de Bragança, trama passionnal que teria algo que ver com o episódio da condenação do Tiradentes à forca.

É sabido que as áreas proibidas de Minas Gerais, os então "Sertões de Leste", até a metade do século XVII eram conhecidas apenas por alguns tropeiros e por ousados traficantes de ouro e pedras preciosas. O então governador da província mineira, sabendo de possíveis tráfico realizados nessa área, resolveu enviar para a região um grupo comandado pelo Sargento-Mor Pedro Afonso Galvão de São Martinho. O objetivo principal dos enviados era o de prender o contrabandista "Mão de Luva" e seu bando, além de também instalar naquela região um Registro (posto de fiscalização). Daquela missão chefiada por Galvão de São Martinho fazia parte desse o alferes Joaquim José da Silva Xavier (o "Tiradentes").

Ferreira Dias deu asas à lenda quando relatou a trajetória do fidalgo português Manoel Henriques, o Duque de Santo Tirso, que se meteu num sério imbróglio lusitano que acabou por levá-lo à masmorra, em Lisboa, e que, depois, certamente, o levaria ao enforcamento. No entanto, ele escapou do cadafalso graças à interferência de

sua amante, a princesa Maria de Bragança. Essa princesa era a filha de Dom José I, que já estava prometida em casamento ao seu tio, Pedro de Bragança; depois, sabe-se que ela subiu ao trono português com o nome de Dona Maria I (apelidada de "a Louca", mãe de D. João VI, que morreu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1816). A princesa conseguiu livrar Manoel Henriques da forca, mas não evitou a ida dele para o exílio, no Brasil. Antes de ele embarcar rumo ao castigo, a então princesa teria beijado-lhe a mão; assim, como prova de eterna fidelidade, ele jurou jamais expô-la à outra mulher, usando por isso, para sempre, a luva que o tornaria famoso. No Brasil, Manoel Henriques tornou-se garimpeiro. Começou a sua atividade nas cabeceiras do rio Tripuí, atravessou o Paraíba do Sul, subiu o Rio Negro até chegar ao Morro do Fundão, atual cidade fluminense de Cantagalo. Àquela época ele percebeu as facilidades para assaltar remessas de ouro e pedras preciosas que saíam das "Minas Geraes" e iniciou a sua lendária carreira criminosa.

No ano de 1786, contam que "Mão de Luva" e o seu bando foram capturados e presos por uma milícia chefiada pelo Tiradentes; assim, o prisioneiro foi degredado para Moçambique, acabando por morrer durante a viagem. Em sua confissão, a bordo do navio, ele pediu ao seu padre que entregasse à Dona Maria a luva preta que até então usara; ao receber a luva e saber do trágico destino de seu amado, a princesa começou a dar os primeiros sinais de loucura.

O que este caso tem a ver com o Tiradentes? O que se quer fazer acreditar é que Dona Maria I, no final do processo da Conjuração Mineira, perdoou a todos inconfidentes da pena de morte, à exceção do Tiradentes. Dizem que essa atitude dela não se deu em razão de qualquer formidável atuação do Tiradentes na Conjuração Mineira, mas sim porque foi ele quem comandou a implacável perseguição

do seu amado "Mão de Luva", terminando por prendê-lo.

Durante muitos tempo, a lenda do "Mão de Luva" era contada com verdade, principalmente pela região serrana fluminense. Supunha-se que ele viera para o Brasil cumprir sua pena e aqui tentou riqueza; quando a situação lhe fosse mais favorável, tentaria retornar a Portugal para reconstruir a vida junto de sua amada. Essa versão romancada foi desfeita por Sebastião Antônio Bastos de Carvalho, um sociólogo e jornalista que desconfiou das conclusões fáceis da imaginação popular e provou que a versão lendária não era digna de credibilidade. Segundo Carvalho em seu livro "O Tesouro de Cantagalo", editado em 1991, o "Mão de Luva" não desejava voltar a Portugal nem mesmo para rever a Maria I, pois no Brasil já tinha até mulher e filhos; era um homem religioso, tratava bem os índios e ensinava os jovens a rezar. Por sua vez, D. Maria I já havia se casado (em 1760). Existe, ainda, uma outra versão para explicar a luva que Manoel Henriques sempre usava: dizem que ele havia adquirido hanseníase na viagem de Portugal para o Brasil; por esse motivo, a luva que lhe apelidou era uma providência adotada para esconder a deformidade trazida pela doença.

O que ficou da lenda do "Mão de Luva" é a crença de que ele, sendo um apaixonado ou um enfermo, é considerado o primeiro povoador da região serrana do Estado do Rio de Janeiro e o fundador da cidade de Cantagalo, pois teria sido ele o chefe dos primeiros garimpeiros que fuscaram ouro nos rios daquela região. Ficou também a crença de que ele e seu bando, sentindo-se encurralados, enterraram uma grande quantidade de ouro num lugar secreto, com a intenção de depois voltarem para recuperar o tesouro. Assim, no Município fluminense de Bom Jardim (localidade que já pertenceu a Cantagalo) há uma caverna que é conhecida como "Gruta do Mão de Luva" e que até hoje instiga a cobiças.

Há ainda relatos de que numa localidade denominada Pedra Riscada, distrito de Nova Friburgo, teria sido encontrado alguns dos tesouros escondidos pelo "Mão de Luva".

Afinal, para que serve uma lenda? A palavra provém do baixo latim (legenda), que significa "o que deve ser lido". O Dicionário Houaiss explica que a lenda é uma "narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico se amplifica e transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular"; é uma narrativa que alguém contou para uma pessoa, que por sua vez passou para outra, até chegar aos nossos ouvidos, num misto de faz-de-conta e de muitas imprecisões (lembrem-se de que "quem conta um conto aumenta um ponto"). Antigamente, as pessoas conservavam as suas lembranças na base da tradição oral; se a memória falhava, usava-se a livre imaginação para suprir essa falha. Então, caberá sempre ao historiador buscar a verdade, tentando desvendar fatos reais e separá-los daqueles que se apresentam como ficção e distanciam-se da realidade.

Esta abordagem do "Mão de Luva" serviu-me como um pretexto para demonstrar até onde avançou o mito do Tiradentes; ele, como quer a lenda, fora enforcado (também) por força da vingança de uma mulher que estava magoada por ter sido impedida de consumir a sua paixão. A todo o momento torna-se necessário desmitificar a figura cristianizada e positivista do Tiradentes, recuperando fielmente o que há de revolucionário, de libertário e de humano na pessoa de Joaquim José da Silva Xavier, de quem ainda sabemos muito pouco ou quase nada. Assim, ao terminar de escrever esta crônica, desvencilho-me do mito para poder prestar uma homenagem ao Patrono Cívico desta Nação e de todas as Polícias Militares do Brasil, registrando a passagem dos 219 anos da sua cruel execução, acontecida no Rio de Janeiro, aos 21 de abril de 1792.

JORNAL DE MINAS

São João del-Rei - MG, ano XI, edição 152, 15 a 21 de abril de 2011, pág. 2